



Pressupostos metafísicos e teológicos para compreensão do Ser

*Metaphysical and theological assumptions for understanding
the Being*

Cainan Espinosa Gimenes

Resumo

A pergunta pelo ser perpassa toda a história do pensamento humano e, metafisicamente falando, o Ser enquanto Ser, pode ser nomeado, como diz Aristóteles, Deus. No horizonte escriturístico, o nome de Deus está relacionado à sua ação salvífica, Ele é o Eu Sou que atua na história e faz aliança para com o seu povo. Deus é, então, o Ente supremo cuja essência é o existir que atua na história por amor, visão essa que só pode ser concebida no horizonte revelado, alheio ao pensamento grego. Assim, na revelação do Ser de Deus compreende-se a relação com o Outro, pois ele é único e outro dele mesmo. Nesse sentido, compreende-se que na teologia cristã há uma primazia do outro, objeto da felicidade humana. É, portanto, na relação com o criador que o homem subsiste, relação pessoal que não existe no ser aristotélico e que somente no ser de Deus revelado, se pode afirmar: O ser de Deus é amor.

Palavras-chave: Metafísica. Ser. Deus. Revelação.

Abstract

The question of being runs through the entire history of human thought and, metaphysically speaking, the Being as Being can be called, as Aristotle says, God. In the scriptural horizon, the name of God is related to his saving action, He

is the I am who acts in history e makes an alliance with his people. God is, then, the supreme Entity whose essence is the existence that acts in history for love, a vision that can only be conceived in the revealed horizon, out of Greek thought. Therefore, in the revelation of the Being of God, the relationship with the Other is understood, because He is unique and Other of Himself. In this sense, it is understood that in Christian theology there is a primacy of the Other, the object of human happiness. It is, therefore, in the relationship with the Creator that man subsists, a personal relationship that doesn't exist in the Aristotelian Being and, only in the revealed Being of God, can it be affirmed: The Being of God is love.

Keywords: Metaphysics. Being. God. Revelation.

Introdução

A metafísica não estuda este ou aquele ser, mas o “ser enquanto ser”.¹ O objeto de estudo da metafísica não são os seres biológicos ou físicos, pois esses são estudados pelas ciências que têm por objeto o aspecto físico do ser ou o seu aspecto biológico. O ser é um só, porém ele possui várias “faces”, podemos assim considerar. As ciências estudam tão somente essas faces, ao passo que a metafísica, como filosofia primeira, busca compreender face a face a primeira das faces, a do ser puro, a do ser como ser, isto é, de Deus, aquele que sucede a verdade.² O mais puro é, também, o mais simples e, por isso mesmo, a mais universal das faces: afirma S. Tomás que se Deus fosse composto, possuiria um componente: pois Ele mesmo não poderia compor-se a Si mesmo, já que nada é causa de si mesmo; haveria, pois, um anterior a si mesmo, o que é impossível... pois Deus teria uma causa eficiente, e assim não seria a causa primeira.³ Enfim, o ser possui várias faces: algumas são sensíveis, materiais, mas a face mais genuína e primeira é puramente inteligível, imaterial, incorpórea. Assim, ver essa face invisível também nos exige olhos que saibam ver o incorpóreo: olhos metafísicos, olhos questionantes, olhos amorosos que não são apenas teóricos, enfim, olhos que interrogam e indagam o sentido primeiro de todas as coisas, a começar pelo sentido de nós mesmos.

¹ GILSON, É., *El ser y la esencia*, p. 80.

² GUSDORF, G., *Tratado de metafísica*, p. 8.

³ ST I, I, q. 1-43.

O ser assim compreendido assume uma acepção a mais universal possível.⁴ Nada é mais universal do que o ser como ser. Ele é comum a todos os seres. Pode-se dizer que é conhecendo-o que vivemos uma comunhão (“comunhão” procede de “comum”). É por esse motivo que o ser não é um gênero. Por exemplo, se ele fosse do gênero dos animais não seria dos vegetais e tampouco de outro gênero qualquer. Um gênero é universal dentro de seus limites (lógicos e ontológicos). O ser também não é uma espécie. Se ele fosse, por exemplo, da espécie “homem”, não o seria da espécie “árvore”.⁵ O ser é de uma amplitude maior do que o gênero e a espécie. O ser está em cada gênero, ele vive em cada espécie, mas não se deixa reduzir aos limites lógicos e ontológicos do gênero e da espécie. Gênero e espécie dão a essência de um ente, mas apenas o ser como ser produz sua existência. O ser é a causa da existência do gênero e da espécie.⁶

No horizonte grego aristotélico, o ser não possui apenas um sentido, mas vários. Contudo, esses sentidos diferentes não têm uma dimensão ou peso igual, pois há uma hierarquia entre esses sentidos. No ponto mais elevado dessa hierarquia está o ser que é apenas ser, e nada mais.⁷ No ponto mais elevado está o ser cuja essência é o existir. Talvez não exista palavra mais fundamental do que esta: ser. Por ser a mais universal, é difícil defini-la. Sem que o saibamos, porém, procedemos com a palavra “ser” de modo análogo ao uso que fazemos de outras palavras de emprego mais cotidiano. Por exemplo, usamos a palavra “saúde” como atributo de várias coisas diferentes. Assim, dizemos que “uma amizade tem saúde”, no sentido de ser “saudável”, ou que determinada conversa é “saudável”, ou então, apreciamos uma comida atribuindo-lhe o atributo “saudável”. Ora, uma comida, uma conversa e uma amizade são coisas completamente diferentes! Como podemos aplicar-lhes um mesmo atributo? Somente podemos aplicar-lhes um mesmo atributo pelas seguintes razões: se tais realidades, embora diferentes, possuírem, no entanto, algo semelhante. E, como conseguimos conhecer esse algo semelhante? Primeiramente, é preciso conhecer de onde se origina o termo saúde: qual o seu sentido original? Sabendo o sentido primeiro, podemos conhecer os outros sentidos. Mas quem não

⁴ FILHO, L., Questões disputadas de metafísica e de crítica do conhecimento, p. 407.

⁵ Mas o ser está mais no homem do que na árvore, pois o homem possui a capacidade de conhecer o ser. Há uma hierarquia entre os seres compostos de matéria e forma, e no ápice dessa hierarquia está o homem (quando se deixa conduzir pela razão), pois ele participa do Ser. FAITANIN, P., O Mal como Privação do Bem em Santo Tomás de Aquino, p. 111.

⁶ JOLIVET, R., Tratado de Filosofia III, p. 17.

⁷ GILSON, É., El ser y la esencia, p. 24.

conhece o primeiro sentido, acabará por crer que as coisas ou não têm sentido ou podem ter qualquer sentido. Assim, o sentido primeiro de “saúde” nasce da medicina.⁸ É o médico quem conhece o primeiro sentido da saúde, pois este sentido está ligado essencialmente à sua prática, ao seu conhecer, enfim, à sua vida. De maneira análoga, é a metafísica que conhece o primeiro sentido de ser. E o ser não é apenas uma palavra: ele é, antes de tudo, existência. Só podemos conhecer o que é primeiro, exercitando aquilo que é primeiro em nós. O primeiro em nós não é o corpo, ele é o segundo. O primeiro em nós é a razão. Não apenas como ciência, mas, sobretudo, como sabedoria.

1. Deus revelado é o Ser metafísico

Por conhecer o sentido primeiro, o metafísico conhece também os outros sentidos do ser, pois o ser também é movimento, qualidade, quantidade, tempo, espaço etc. Mas esses sentidos estão em segundo lugar, são derivados, pois um movimento não existe sem algo que se mova; a qualidade do branco não existe sem que uma coisa (um ente) seja branca, um metro de altura não existe sozinho: ele existe em um ente que seja alto e que possua a altura como uma quantidade dele. Enfim, há seres que existem em outra coisa, ao passo que existe um ser primeiro que existe em si mesmo. E para conhecer verdadeiramente o que as coisas segundas e terceiras são, é preciso antes conhecer o que é primeiro. Então, o que vem primeiro é o ser como ser e não como quantidade, qualidade, tempo, espaço etc. Esse ser como ser é o mais inteligível e a linguagem também é capaz de representá-lo por meio da Lógica. Em vários sentidos, o ser se diz dos acidentes, mas em um só ele se diz da substância. E é esse sentido uno, primeiro, que sustenta e confere realidade aos outros sentidos. São esses outros sentidos, o segundo e os demais, que fazem parte do devir, isto é, das mudanças de qualidade e de quantidade. Mas o que muda na substância não é sua parte imaterial e inteligível, mas a parte sensível, corpórea.

Aristóteles identifica, no livro quarto da Metafísica, o “ser enquanto ser” a Deus.⁹ Esse é o nome mais eminente do “ser enquanto ser, Ele é a substância mais perfeita. Etimologicamente, a palavra substância deriva do latim “*substantia*” que significa essência, ser “aquilo que está por baixo”. O estar por baixo da

⁸ MODRAK, D. K., Aristotle, p. 65.

⁹ ARISTÓTELES, Metafísica. Livro IV (Gamma). Cap 1. [1003a 21].

substância significa que é ela que sustenta o que está por cima. No sentido ontológico, porém, é ela, então, que está por cima. A substância, portanto, é o que sustenta. Há dois tipos de substância: as que existem separadas do mundo sensível e as que estão junto dele. As substâncias separadas são completamente isentas de matéria e de mudança. Por isso, elas são sempre idênticas a si mesmas. As substâncias separadas são puramente inteligíveis, nada possuindo de sensível ou material. Deus e as Inteligências são as duas espécies de substâncias separadas. As Inteligências movem as estrelas fixas, que também são eternas. As estrelas fixas fazem parte do ponto mais elevado do mundo sublunar.

Abaixo das inteligências estão as substâncias sensíveis. Elas assim são chamadas porque não são apenas racionais ou inteligíveis: elas também estão organicamente ligadas ao mundo sensível. As substâncias sensíveis são um composto de matéria e forma, de sensível e inteligível. O sensível é a matéria, ao passo que o inteligível é a forma. A forma também é dita essência ou ideia. Em Platão, essência e matéria estão completamente separadas, às vezes se encontram até mesmo em litígio.¹⁰ Aristóteles as põe de forma linear.¹¹ A forma ou essência diz o que a substância é, já a matéria designa o vir a ser. A forma existe sempre em ato, a matéria existe em potência. A matéria é sempre um fazer-se, um realizar-se e é, por isso, que é a matéria a causa do movimento. Mas esse movimento é determinado pela forma, que já é plenamente. A semente cresce e vira árvore porque a forma-árvore já existe nela em ato. O crescer da semente, o nascer do caule e folhas são movimentos que existem em razão do ser-árvore que a semente aspira ser. Vista nela mesma, a semente é apenas a privação da árvore. É isso que é o sensível: privação daquilo que o faz tornar-se alguma coisa, deixando de ser mera potencialidade.

O que caracteriza o mundo sensível é a presença dos corpos, isto é, da matéria. Podemos precisar melhor o que dissemos acerca da etimologia do termo substância e dizer: a substância sensível é um composto de matéria e forma, é verdade, mas é a forma que sustenta o mundo sensível. Ao contrário do que pensava Platão, Aristóteles considerava que o mundo inteligível não está separado do sensível, uma vez que é o inteligível que está por baixo do sensível. O inteligível é a forma, a essência, ao passo que o sensível é a potencialidade dos acidentes. O essencial sustenta o accidental. Quais são esses acidentes? O tempo, o lugar, a posição, a relação, a quantidade etc. Esses acidentes da

¹⁰ MARCONDES, D., *Iniciação à história da filosofia*, p. 64.

¹¹ MARCONDES, D., *Iniciação à história da filosofia*, p. 89.

substância não são aparências ou ilusões, eles têm ser também, mas o ser dos acidentes é dependente do ser da substância. O inteligível precede o sensível, mas precede não no tempo, pois é ontologicamente que o inteligível precede o sensível. O inteligível precede porque ele existe mais. Quanto menos matéria um ser possui, mais existência ele tem. Deus é o ser plenamente inteligível, já que nenhuma matéria ou potencialidade Ele tem.

Assim, a metafísica é uma ciência especialíssima, ela precede a todas as outras e lhes clareia o caminho. A metafísica não estuda os aspectos accidentais da substância, pois ela investiga o ser como ser, enfim, a substancialidade da própria substância. Mas, assim como nas substâncias sensíveis, o inteligível precede o sensível, as substâncias separadas, puramente inteligíveis, precedem, em perfeição e realidade, as substâncias sensíveis. Acima de todos os seres está o ser primeiríssimo: Deus. Deus está acima até mesmo das inteligências, o que significa dizer que Deus é mais do que Inteligência: Ele também é Amor (afirmar isso já é colocar-se além de Aristóteles).

Quando o homem, pela razão, consegue apreender o inteligível que sustenta o sensível, todo o mundo sensível se torna compreensível para ele, pois, antes se torna compreensível e vivível, o mundo inteligível que está dentro do próprio homem, mundo esse que deve sustentá-lo e servir de apoio, tal como a substância que apoia o sensível. No ápice de tudo está a substância divina que sustenta tudo. Sustenta, primeiro e sobretudo, o homem que compreende e exerce sua razão, do ponto de vista teórico e ético (prático).

Há diversos sentidos para a palavra ser. Podemos entender assim, primeiramente, o ser é um verbo de atribuição ou ligação. Por exemplo, quando dizemos: “Pedro é um homem”, o “é” atribui a Pedro uma essência, a de ser homem. Quando dizemos: “Pedro é branco”, o verbo atribui um acidente a Pedro. Por outro lado, o verbo ser também pode expressar existência. Por exemplo: “Pedro existe”. O branco não existe a não ser em Pedro. E Pedro apenas existe sendo um homem. Aqui, o ser não é apenas um verbo, ele é um substantivo. Indagar acerca do ser como substantivo é indagar acerca da existência.

O que existe? Tudo o que existe é um ente. E todo ente possui essência e existência. Um ente não possui apenas essência (ousia), ele possui também existência: um ente existe. Contudo, há uma hierarquia entre os entes. Há entes que existem mais do que outros. No homem, por exemplo, existir não é apenas respirar, comer etc. No homem, o existir se torna mais vivo quanto mais ele conhece a causa de todas as

existências, pois a existência nada mais é do que a vida. O que é mais vivo no homem? O corpo ou a razão? Tudo o que é mais vivo é, por isso mesmo, incorruptível, eterno.

Então, o homem é um ente, mas ele não possui, como ente que existe, uma vida eterna, pois sua vida é um vivendo, um sendo. O homem concretamente existente (Pedro, Sócrates...) nunca é, pois ele é um sendo, um existindo. Isso porque no indivíduo há o corpo. E o corpo nunca é totalmente: o corpo é um vir a ser, uma potencialidade.

2. Deus em Ex 3, 14-15

A característica marcante de toda pessoa é ter um nome. Os nomes não são conceitos. Esses definem um gênero universal de coisas. Por isso, todo conceito designa uma classe de coisas e não uma coisa ou ente singular. Um nome expressa uma pessoa e não uma classe. Hoje, perdemos a compreensão profunda que todo nome tem, pois, o nome guarda, ou deveria guardar, acontecimentos ou características que nos individualizam de forma singular e única. Se quisermos compreender a relação essencial do nome com a pessoa, devemos ir ao Antigo Testamento. Os nomes não são dados por acaso. Há uma razão de ser para os recebermos. O nome não apenas define alguém: o nome o diz. O nome inscreve o ente na ordem do verbo, e o inscreve singularmente, como unidade substancial única.

No Antigo Testamento, os nomes individualizam cada ente concreto segundo características individualizadas que não são apenas acidentes, pois expressam a essência daquele que recebe o nome. E o nome de Deus? Diante de Moisés, o próprio Deus disse qual era seu nome: Eu Sou Aquele que É. “Ser” é o nome de Deus. “Ser” é sua Pessoa. “Ser” é o nome próprio de Deus. Por isso, é como pessoa que existimos, verdadeiramente, à semelhança Dele.

Moisés disse a Deus: “Quando eu for aos israelitas e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’, e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?”. Disse Deus a Moisés: “Eu sou aquele que é.” Disse mais: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘EU SOU me enviou até vós’”. Disse Deus ainda a Moisés: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘Iahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó me enviou até vós. É o meu nome para sempre, e é assim que me invocarão de geração em geração’” (Ex. 3-45).

Segundo André Chouraqui,¹² a pronúncia do tetragrama sagrado foi interrompido há séculos dada a ordem de não pronunciar o Nome de Deus:

Impronunciável, o nome IHVH guarda o segredo de seus significados próprios. É comum dizer-se que deriva do verbo *haya* (forma arcaica de *haya*), “ser” conjugado aqui na terceira pessoa do singular e no inconcluso. Este nome pode significar: “Aquele que sempre foi” ou “que sempre será”, “Aquele que sabe ser e se revela”, “Aquele que está com os homens para protegê-los, para salvá-los da desgraça” (Ex 3,12- 14). Se IHVH, todavia, é uma forma causativa da mesma raiz, ele pode ainda significar: “Aquele que faz ser e cria o mundo”, “o criador”, “Aquele que fará ser o que ele fará ser”, ou “Aquele que faz ser e se revela”, “Aquele que faz ser e cumpre suas promessas”.¹³

A partir disso percebemos a relação do nome de Deus com o seu aspecto salvífico: Deus é Aquele que se revela no desenrolar da História Sagrada, que está presente atuando junto com seu povo. Tal Nome possui um dinamismo que lhe é implícito, de modo a fazer corresponder, em Deus, o ser e o agir. Nesse agir histórico, Deus revela ao povo o seu Ser, e a sua intervenção salvadora. Ele é Eu Sou porque é o que está com seu povo.

O entendimento sempre mais amplo dessa verdade contribuiu significativamente, em proporção direta, ao assentamento de um Monoteísmo prático em Israel: *IHVH* é o único Deus que existe, porque é Ele o seu único salvador. Tal noção evoluirá para o Monoteísmo estrito, formulado pelos profetas do final do exílio e especialmente no *Dêutero-Is* (Is 43,10-11).

2.1. O Ser é atuante no Amor

Assim, articulando a noção metafísica de Deus como o único ente que existe plenamente e que é o único salvador, é possível afirmar que: a essência de Deus é existir.¹⁴ Somente Deus é a vida plenamente. Portanto, Deus é o ente

¹² CHOURAQUI, A., No Princípio (Gênesis), p. 32-33.

¹³ CHOURAQUI, A., No Princípio (Gênesis), p. 32-33.

¹⁴ Heidegger retomará essa questão. Para ele, porém, o ser não é um ente. Essa afirmação o aproxima do ateísmo, pois Deus é um ente. E, para Heidegger, o ser não é nenhum ente, mas o que difere de todos os entes. Essa seria, segundo ele, a diferença ontológica entre o ser e os entes (HEIDEGGER, M., Introdução à metafísica p. 197).

supremo cuja essência é o existir. Deus existe em ato e atuando e, isso, manifesta-se na história da escolha de Deus por um povo. O atuar de Deus é, ao mesmo tempo, o despertar em nós uma aspiração a ser semelhante a ele, para assim amar. É ele que concede o ato de existir às essências finitas. Sem esse ato de existir, haveria apenas potencialidade, mudança, indeterminação. É por essa razão que Deus é causa finalíssima: pois é ele que concede o ato de existir às essências, passando essas a existir em ato, mas apenas como forma. Assim, não é o indivíduo que existe em ato, mas a forma humana que está nele. Do ponto de vista metafísico, é a forma que existe verdadeiramente, de maneira mais eminente. A matéria que compõe o indivíduo também existe, porém, sua existência é um constante vir a ser, ou seja, uma atualização, no tempo e no espaço, daquilo que constitui a essência do homem.

Se o homem se dedicar apenas à vida hedonista ou utilitária, sua existência será apenas a que ele puder viver com seu corpo. Mas se ele, por meio de sua existência, procurar voltar-se para a existência eterna, ele compreenderá a dimensão metafísica de toda existência, inclusive da sua. Ele viverá também a vida de seu espírito e não apenas a de seu corpo. Procurará desenvolver todas as propriedades que estão na essência humana. E de todas essas propriedades, a mais elevada e libertadora é a virtude do conhecimento. Quando essa virtude não é apenas teórica, mas também prática, dela nasce, então, a sabedoria, fonte suprema da felicidade (*eudaimonia*).

Atuar é a ação eterna do próprio amor como realidade que mais existe. Assim, nossa existência pode se aproximar da existência eterna, na medida em que, exercemos o amor, mais do que o mero intelecto, o amor pelo outro. Assim, o ente que mais existe é aquele cuja essência é atuar segundo o amor. O atuar é o próprio verbo que cria e concede o ato de existir às substâncias.

3. O Amor e o outro enquanto relação trinitária

Na relação trinitária, o outro está inscrito no próprio ser: o ser, Deus, é três e é Um, em um movimento de *pericorese*,¹⁵ termo grego, que descreve uma dança de roda, característica das crianças em momento de brincadeiras e que se tornou matéria de fé na comunidade cristã, que a ação externa criadora de Deus (*actio ad extra*) é um ato comum às três divinas pessoas;¹⁶ isto é, Deus opera como um princípio único

¹⁵ LADARIA, L., O Deus vivo e verdadeiro, p. 182.65.

¹⁶ ZUBIRI, X., Naturaleza, Historia, Dios, p. 494.

naquilo que faz, Deus contém em si virtualmente o ser e as perfeições de toda criatura,¹⁷ seja na ordem da natureza (criação das coisas visíveis e invisíveis, conservação e governo do mundo), seja na ordem sobrenatural (milagres, infusão da graça, encarnação ativa, juízo, prêmio e castigo, bem-aventurança), ou seja, é matéria de fé que as três pessoas se compenetraram reciprocamente e permanecem uma na outra (*pericorese*), como em uma brincadeira.

Nela (Trindade) se contempla o que é uno e comum, na realidade mesma, já que as pessoas participam conjuntamente da mesma eternidade, substância, operação, vontade, comunidade de pensamento, autoridade, poder e bondade. Não se fala de semelhança e sim de identidade, assim como uno é o impulso e o atuar.¹⁸

Sendo ele único, somente ele pode ser o outro dele mesmo, sem ser dois ou três, mas apenas um. Esse mistério nos ensina, e não apenas ao intelecto, que é na relação com o outro que compreendemos o que é a pessoa. Há uma primazia do outro quando pensamos na ideia da pessoa. A primazia é do outro, não do eu. A pessoa se revela mais no outro do que no eu, pois é na relação com o outro que conheço a minha pessoa, a começar pelo outro que é Deus.

Deus é puro amor, pois ele é seu próprio outro, mas sem ser dois ou três, sem divisão. É, portanto, Jesus, o Filho de Deus por natureza, quem melhor nos revela. E é o mesmo Jesus que, apesar de ter reafirmado a fé de Israel na unicidade divina, através da oração do *Shemá* (Mc 12, 28s) revela ser o Filho único do Pai, a nós enviado e que se encarnou pela ação do Espírito Santo que desceu sobre Maria (Mt 1,20; Lc 1,35). E, estando para ser imolado, revela explicitamente o mesmo Espírito Santo como o “outro Paráclito” (Jo 14,16). Assim, o mesmo e único Deus é revelado no Novo Testamento por Jesus como Deus trindade, agindo as três pessoas unitariamente nas ações *ad extra*, ainda que cada uma com o modo de atuar que corresponda mais apropriadamente àquela pessoa no ser íntimo de Deus. Por ser seu próprio outro, Deus é puro amor sem a presença do desejo. Mas nós, seres finitos que estamos abaixo d’ele, o nosso amor vem acompanhado de desejo, pois o desejo somente nasce quando a relação com o outro é uma relação do finito com o infinito ou do finito com outro finito.

¹⁷ GILSON, É., A filosofia na idade média, p. 655.

¹⁸ GONZÁLEZ, C. I., El Espiritu Santo en los padres griegos, p. 223.

Mas quando se trata da relação do nosso desejo com o divino, é dentro de nós mesmos que nosso desejo vai encontrar o que cessará sua agitação, já que a agitação é a marca de um desejo que procura fora de nós o que o move e completa, pois é essa a razão de ser do desejo: buscar o que nos completa, pois o nome dessa busca por completude é exatamente a felicidade. Somente o infinito pode realmente nos completar, fazendo-nos estabelecer com Ele uma relação amorosa, que é também cognitiva. Se deixar completar pelo infinito é saber-se nunca completo.

Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado. É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria. O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-vos; o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-vos. Vós o incitais ao deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós, e nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós. Concedei, Senhor, que eu perfeitamente saiba se é mais importante invocar-te e louvar-te, ou se devo antes conhecer-te, para depois te invocar. Mas alguém te invocará antes de te conhecer? Porque, te ignorando, facilmente estará em perigo de invocar outrem.¹⁹

Quando Agostinho diz: “grande és Tu, Senhor, e sumamente louvável”, ele quer dizer que não é o “eu” o objeto do louvor de nós mesmos, pois o que está acima é Deus como Outro, o louvor é elevar nosso desejo, despertando-O. E nesse despertar não há promessa de felicidade, mas a própria felicidade. Desejo que não é mais movido pela posse, mas pelo ser possuído por aquilo que, amando-O, nos fazer conhecer a nós mesmos.

O homem virtuoso usa tudo, e isso inclui a si mesmo, tendo em vista Deus, e ele quer um universo em que, como ele, todos os seres só usem de si mesmos tendo em vista Deus. Chegando a este grau de virtude, em que a vontade ordena cada fim segundo seu valor exato e o ama conforme o que ele merece, o homem leva uma vida moral tão perfeita quanto possível.²⁰

¹⁹ AGOSTINHO, Confissões. I, 27.

²⁰ GILSON, É., Introdução ao estudo de Santo Agostinho, p. 319.

No horizonte de relação com o outro, que também é pessoa se compreende o que é a amizade. Se vive, enfim, o afeto. É na relação com a pessoa que encontramos a felicidade: a pessoa divina como reflexo do outro do qual somos semelhantes em uma relação de interioridade. Desse modo, no íntimo humano não está apenas o “eu”, mas uma marca íntima com o divino que permite ver o outro humano como semelhança.

4. A criatura como efeito do Criador

Assim, a relação da metafísica com a teologia revelada pode ser esclarecida por esse pensamento de São Tomás: “Nada pode operar por si, senão aquilo que por si subsiste”.²¹ Ora, o homem não subsiste por si mesmo, assim como o efeito não subsiste sem a causa. A forma é a essência do homem, mas a essência ou forma é apenas causa formal do homem, ela não é, sozinha, a causa da existência do homem. A existência do homem como ente conforma-se pela união dessa essência com a existência recebida do Ente que subsiste por si mesmo e não por outra coisa.

A criatura finita, portanto, somente subsiste por si mesma como efeito do criador que é relação trinitária. O princípio da subsistência na criatura não é apenas a essência. E é esse princípio da subsistência que a dota da capacidade de agir pela vontade livre, sem ser determinada pela natureza. A natureza, em São Tomás, é sinônimo de essência.²² Pela sua essência, o homem se liga à forma e ao corpo, à espécie e ao gênero, ou seja, ao mundo criado, mas pelo seu subsistir ele se liga ao criador. Existir não é só respirar, se alimentar, beber, andar, rir.... Um robô poderia (ou poderá, no futuro) realizar tais atos ou operações. Mas para ele aspirar à vida eterna e ter a esperança nela, ele somente o poderia compreendendo-se criatura da vida eterna, e não apenas produto do engenho humano.

Subsistir é mais do que algo meramente biológico, físico, social ou psicológico. Subsistir é ter um sentido para existir, um sentido que nos faça compreender nosso existir para além da morte física, biológica e é esse mesmo princípio que pode nos ajudar a superar outras mortes: mortes de ânimo, mortes simbólicas, como o deixar de acreditar em si mesmo, o egoísmo, a doença, a tristeza etc.

Esse é, portanto, um dos principais temas que difere São Tomás de Aristóteles e, com isso, o avanço da metafísica, a teologia revelada. Nesse sentido,

²¹ ST I, I q. 75.

²² CHENU, M. D., Santo Tomás de Aquino e a teologia, p. 43.

“subsistir” não é apenas ser algo (a *ousia* ou forma).²³ É mais do que isso. Mas esse “mais” não é físico, é metafísico. Um sinônimo também para subsistir é: sobreviver. Quando alguém sofre um grave acidente e não morre e continua ainda na vida, diz-se que ele subsistiu ao acidente. Ou seja, ele subsistiu porque ele continuou na vida, a morte não o subtraiu da vida. Enfim, ele subsistiu, sobreviveu. Alguém somente pode sobreviver se ele já tiver ou estiver na vida.

Metafisicamente falando, quando sofremos o grande e último acidente que é a morte, algo em nós também subsistirá. Algo em nós sobreviverá. Não é a matéria que sobreviverá, tampouco a forma, pois essa não existe a não ser no indivíduo composto de matéria e forma. Há algo nas criaturas que é o princípio da sobrevida eterna, que nada pode destruir. Esse princípio não é físico ou biológico, ele não é histórico ou social, também não é psicológico. Mas é ele que confere sentido à nossa existência como ser biológico, social, histórico, psicológico e até mesmo jurídico. Esse princípio de subsistência nos liga ao criador da própria existência, que é a própria existência: da existência como vida, amor e bem.

Conclusão

O pensamento cristão acerca do Ser constitui uma originalidade: a confissão de fé no Deus que é Uno em sua essência, e Trino em suas relações, em suas pessoas. Isso se trata de duas realidades estanques, complementares uma da outra, mas de uma unidade que se dá porque é trindade, e de uma trindade que é essencialmente una.²⁴

Assim, se por um lado, a compreensão humana a respeito do Ser de Deus redundaria reticente, se prescindisse da Revelação divina em Cristo, por outro, é na Pessoa e nas ações salvíficas do Redentor que a reflexão encontra seu *sensus plenior*. Ou, em outras palavras, é sob a ótica de Cristo que todo pensamento chegou à sua plenitude. Nesse ponto, a metafísica é complementada pela teologia revelada neotestamentária, na Pessoa de Cristo. E de modo análogo, na Pessoa de Cristo se compreende a dinâmica antropológica do homem, enquanto participante do ser de Deus.

²³ REALE, G., Introdução a Aristóteles, p. 64.

²⁴ Não há unidade divina sem trindade, e vice-versa. A unidade divina que o cristianismo afirma é a *unitas in Trinitate*, enquanto não se pode entender a Trindade sem ter em conta a unidade divina, *Trinitas in unitate*.”: LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 23.

Nesse sentido, em São Tomás, Deus é o ser e o bem.²⁵ Por isso, ele é intelecto (que conhece a si mesmo) e vontade (que quer a si mesmo). As criaturas se ligam a Deus pela existência ou ser que recebem e pelo bem que praticam, mediante sua vontade. Deus é pessoa e amor. É esse aspecto pessoal do Ser de Deus que não existe no universo aristotélico. Suas quatro causas não dão conta para explicar a vontade livre, que também é causa, quando age bondosamente. Somente no âmbito da revelação poderia chegar à conclusão de que o Ser de Deus é amor. Assim, a compreensão cristã de que o ser de Deus abrange desde a criação até o final escatológico é resultante do fato de que ele abrange também toda criatura, material e imaterial, racional e irracional, sustentado pelo seu ser que é amor.

Desse modo, o amor revelado por Deus na pessoa de Cristo não é apenas uma ideia teórica, mas uma força vital e prática. Assim, o ser humano nessa dinâmica, compreende a sua finalidade que é ser-para-o-outro. Esse outro possui um rosto, uma identidade, uma história, e é reflexo do totalmente outro. Portanto, se a marca do ser de Deus é amor, e o homem é imagem e participante desse ser, assim somos chamados também nós a ser amor uns para com os outros.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002. v.2.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.
- CHENU, M. D. **Santo Tomás de Aquino e a teologia**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- CHOURAQUI, A. **No Princípio (Gênesis)**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- HEIDEGGER, M. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- FAITANIN, P. **O Mal como Privação do Bem em Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Aquinate, 2006.

²⁵ TOMÁS DE AQUINO, Sobre o Mal p. 15.



FILHO, L. **Questões disputadas de metafísica e de crítica do conhecimento**. São Paulo: Discurso Editorial, 2009.

GILSON, É. **A filosofia na idade média**. São Paulo: Martinsfontes, 2013.

GILSON, É. **El ser y la esencia**. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1951.

GILSON, É. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

GONZÁLEZ, C. I. **El Espíritu Santo en los padres griegos**. Mexico: CEM, 1996.

GUSDORF, G. **Tratado de Metafísica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

JOLIVET, R. **Tratado de Filosofia III: Metafísica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

LADARIA, L. F. **O Deus vivo e verdadeiro**. São Paulo: Loyola, 2015.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

REALE, G. **Introdução a Aristóteles**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

MODRAK, D. K. **Aristotle: The Power of Perception**. Chicago: UP, 1987.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Teologia, Deus, Trindade: I seção da parte 1, questões 1-43. São Paulo: Loyola, 2004. v.5.

TOMÁS DE AQUINO, **Sobre o Mal**. Tradução Carlos Ancêde Nougé; Apresentação Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

ZUBIRI, X. **Naturaleza, Historia, Dios**. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

Cainan Espinosa Gimenes

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: cainan.gimenes@aluno.cefet-rj.br

Recebido em: 21/03/2022

Aprovado em: 06/06/2022